

# 1 ESCUDO

# Reportei.

Semanario das  
grandes reportagens

ANO I

21 de Março de 1931

Numero 33



LER NESTE NUMERO: 3.000 contos escamoteados—Desastres de Caminho de Ferro—A onda de gases, etc., etc..



COMPRA  
OURO, PRATA  
E JOIAS,  
ETC.

**A COMERCIAL**  
18, Trav. da Trindade, 22 (ao Chiado)  
Telef. 2 5082

VENDE  
OURO,  
JOIAS, PRA-  
TAS, ETC.,  
POR PREÇOS  
MÓDICOS

**NICOLAU FERRAZ**

Espanha, França, Brasil  
e America do Norte



**PASSAPORTES**

Agente no Norte  
da **United States Lines**

TELEFONE, 762

Rua do Loureiro, 60, 62

PORTO

**ALFAIATARIA**

DE

**ANTONIO DIAS**

Fazendas nacionais

— e estrangeiras —

Largo de S. Sebastião da Pedreira, 34

LISBOA

## DOENÇAS DO ESTOMAGO

CURAM-SE COM O  
ELIXIR ESTOMACAL SAIZ DE CARLOS

Comprar sómente do que tem a cinta de garantia, com a assinatura do preparador. A cinta é nas côres vermelha e amarela

Unicos depositários para Portugal e Colonias

VICENTE PIMENTEL & QUINTANS—194, R. da Prata, 196

O maior sucesso literário de 1931

## NOVELA POLICIAL

LEITURA EMOCIONANTE!

ASSUNTOS PALPITANTES!

DIRECTOR: **REINALDO FERREIRA**  
REPORTER X

QUINTA-FEIRA, 26 DE MARÇO—NOVELA POLICIAL N.º 9

# **O SEGREDO DA MORTE**

DE REPORTER X

A NOVELA POLICIAL—16 páginas—Uma  
NOVELA POLICIAL completa, original, inédita—Capa  
a côres—Preço UM ESCUDO.

Dirijam já os seus pedidos de revenda e assinaturas para a  
Administração do "REPORTER X" e da "NOVELA POLICIAL"

**Rossio, 3, 3.º—LISBOA**

Telefone 2-5442

Endereço Telegráfico **REPORTERX**



# Homens & Factos do Dia

## Firmes no nosso posto

Um dos exercícios obrigatórios, quotidianos, da nossa existência é, desde há muito, o de termos de escutar os amigos alviçareiros, sinceros uns, velhacos outros, outros ainda desejosos de ferir adversários através da denuncia de que são portadores... E o que é que esses alviçareiros nos têm confidenciado ao ouvido, durante tantos anos? Oh! O que se diz, o que se inventa, o que se germina, o que um malandrim que chicoteamos engendra sob o escaldão, fecundo de ódio, que o látego lhe deixou nas faces, e que logo outro malandrim ao lado a quem matámos a fome, com sacrifício às vezes, dilatou e tornou mais inverosímil ainda; todas as evaporações do «spleen» dos madraços; todo o hálito pestilento da maldade humana; todas as lufadas dos que caluniam, por amizade, julgando *fazer bem* e dos que lisonjeiam por ódio — pensando *fazer mal*... Ah! O que nos têm vindo contar, durante 17 anos, das invenções da cidade, dos disparates criados no ventre colectivo, por subscrição da estupidez nacional, pelas imaginativas pessoais aguçadas pelo ódio, pela malquerença, pelo prazer de morder, pela prudência de abrir a bôca e não deixar entrar mossa, pelo snobismo idiota de se julgarem graciosos e não pouparem nem a própria mãe só pela vaidade de palhaço de fazerem rir os amigos, e sobretudo pelo plano preconcebido de não perderem um pretexto, por mais vil que se lhes afigure, por mais calunioso que seja, para amordaçarem estes diabos de jornalistas com caneta de sete fôlegos que tiveram a estupidez de jámais cometer uma pequena acção indigna, e que não se calam nem sob ameaças nem sob promessas de fortunas...

Ao princípio, é verdade, irritavam-nos e chegámos a colecionar os mais antigónicos «on-dit» a nosso respeito; depois, ao vêrmos que se as calúnias sujam mesmo quando não queimam elas se destroem também umas ás outras, pela quantidade, pelo antagonismo, pela transparência diáfana da vida pública do jornalista que pretendem atacar e sobretudo porque é a realidade, é o dia que nasce que vem iluminar e expulsar as mentiras ignominiosas que se propagaram na véspera, rimo-nos delas. Se no sábado diziam: «Fulano» suicida-se no domingo; e se no domingo «Fulano» continua a viver como vivia no sábado — para que desmentir os boateiros, para que preocuparmo-nos com eles? E assim, da irritação que eles nos causavam aos 18 anos nem sequer nos ficou um sentimento de curiosidade... Mas...

Mas ás vezes, confessamos, esses «on-dit» têm sementes arrancadas a montureiras tão nauseabundas que afligem, não pelas consequências morais que não têm, mas pelo mal fisiológico que causam, pelo fartum de sentina que exalam. A medida que a nossa carreira (a do jornalista e do jornal) avançava, triunfante, essa fuzilaria intensificava-se até atingir proporções verdadeiramente irritantes. E contudo ontem, como hoje, não é a nossa honra (a do homem e a do jornal) que eles põem em jôgo porque essa está bem eloquentemente provada... Procuram ferozmente atacar terceiros, desprevenidos contra a Fatalidade e contra a Maldade, para assim nos alcançarem. E o que é que eles revelam com a sua infâmia? Que mesmo dentro dessa hipótese — a pior — eles são duma crueldade miserável porque não hesitaram em bolsar fel no nosso coração, que nesse caso estaria legitimamente rasgado pela mais humana das dores — acabando por confessarem que se feriam terceiros para nos ferir a nós é porque não podiam, de forma alguma, hoje como ontem, atacar-nos a nós — a nós homens, a nós jornalistas, a

nós jornal — porque não temos um só cabelo ao alcance das suas garras!

Nunca a nossa pena desliza tão calma, tão tranqüila, sobre a alvura imaculada do papel como quando se desencadeia um vendaval de calúnias traiçoeiras contra a nossa honra — que é toda a nossa fortuna. Todos os Tartufos que na nossa árdua carreira de jornalistas temos desmascarado; todos os pim-pam-puns de falsa glória que temos derrubado; todos os ladrões e «chanteurs» que temos vencido se juntam agora, no afan vil de soprar pela tuba do boato infamante as piores abjeções contra a nossa vida, que pode estar torturada pela dôr de assistir às ciladas do Destino contra outros, mas limpa, felizmente, de qualquer mancha indigna. Mas a nossa repulsa, que é imensa, sobrepõe-se uma tranqüillidade superior, desdenhosa, que emana da nossa consciência sem mácula, sem culpa, nem remorso.

Podemos ter errado algumas vezes. O jornalista, na ânsia ideal de bem servir a Justiça, a Equidade e a Beleza, poderá ter-se enganado — e sempre que reconhece os seus erros retrata-se nobremente. O que ele nunca praticou foi vilania que deixasse sinal indelevel na sua honra de homem ou na sua consciência de escritor. Isso nunca! Nem mesmo o faltar aos seus deveres de alma, de fidelidade, que são tão sagrados como os outros.

Por sempre ter servido com entusiasmo ardente o Bem e a Justiça, ele concitou contra si os ódios mesquinhos de todos os grilhetas. E estes, na impossibilidade de poderem atacá-lo por culpas que nunca praticou, pretendem, nos momentos de sua fúria mais cega, esmagá-lo com as culpas com que outros são acusados, sabe Deus se com justiça! Pobres desvaierados! Não reparam que a nossa honra é um bloco tão sólido e uno que só com as pedradas que a outros alvejam terão possibilidade de lhe acertar. Mesmo assim, a agressão falha, porque se um homem não é derrubado com a machadada que lhe vibram no crânio, muito menos o derrubarão com as que caem por acaso e por maldade na cabeça do vizinho. Hoje, como ontem, o *Reporter X* é um homem honrado; agora, como anteriormente à existência deste semanário, ele pode proclamar aos quatro ventos essa honradez, porque se esta honradez não existisse, bem palpável e indiscutível, há quanto tempo os ódios que a sua rectidão de carácter acumulou não o teriam reduzido a pó...

O primeiro boato de que o *Reporter X* homem se recorda data de há muitos anos, do início da sua carreira. Estávamos em plena guerra e publicava uma série de reportagens sobre espionagem. Conseguira ele descobrir em Lisboa, como narrou no seu livro *Homens do Dia, Mulheres da Noite*, a enigmática «Mata-Hari», já célebre então na imprensa espanhola pelo artigo de Caldina que a intitulava *La dama misteriosa del Ritz*. Escreveu várias colunas de prosa à *sensation* no *Mundo* e no *Seculo*, edição da noite... Qual não foi o seu pasmo, no dia seguinte, ao contarem-lhe que se dizia que ele, X, estava pactuando com a formosa holandesa em altas façanhas de espionagem, e dois dias depois que ia ser preso como espião (o jornal *A Monarquia* fez-se eco desta inverosimilhança), e na outra semana que seria fuzilado; e ao cabo de um mês, entra um amigo na sua alcova (ele estava ainda deitado) e mui pálido, exclama: «Homem de Deus! Estou sem pinga de sangue! Acabaram de me dizer que tinhas sido fuzilado por causa da entrevista que fizestes com «Mata-Hari»...

Depois deste *on-dit*, quantos outros. Que morrerá numa queda de aeroplano, que fora assassinado à tarde na redacção, que tinha sido preso (este último boato surpreendeu-o sem-

reporter

## O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos os acontecimentos de sensação nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda simultaneamente em todo o país

DIRECTOR  
**REINALDO FERREIRA**  
(REPORTER X)

Administrador e Editor  
**PEDRO SANTOS**

Chefe da Redacção  
**MARIO DOMINGUES**

PROPRIEDADE DE REINALDO FERREIRA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE  
ROSSIO, 3, 3.º — TELEFONE 26442 — LISBOA  
End. Teleg.: REPORTERX — LISBOA

DELEGAÇÃO NO PORTO — RUA DO ALMADA, 10

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
TIPOGRAFIA SILVAS, LTD  
RUA D. PEDRO V. 120 — LISBOA — TELEFONE 23121

### PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses — série de 12 números — Esc. 11\$50  
6 " " " 25 " — Esc. 22\$50  
12 " " " 52 " — Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro accrescem os respectivos portes  
Pagamento adiantado

pre a tomar café ou no *Nicola* ou na *Chic...*, que o jornal fôra selado pela Justiça por causa do Marquês de Sagres ou... pelo que lhes vinha à cabeça, mas todos, todos, graças a Deus Nosso Senhor, como dizem nossas mães, com a mesma consistência, com a mesma facilidade em serem desmentidos silenciosamente — só pelos factos...

Não, senhores canalhas, não morremos, as nossas portas continuam abertas à luz do sol e à passagem de toda a gente honrada que nos queira visitar. Por muito bem tecida que seja a rede apertada com que nos desejam enrodilhar, por muito bem combinados que sejam os vossos planos para nos fazerem cair em armadilhas, não sossobramos, e o nosso jornal mantém-se inteiro e capaz de resistir ás mais perfeitas balas *Dum-Dum* da calúnia.

A orientação que, desde o primeiro número, preside à factura deste semanário, que conquistou pela sua sinceridade e coragem as almas honestas e bem formadas de todo o país, é a mesma que sempre encaminhou a vida pública e privada do homem que o dirige, a mesma que continuará a iluminar-lhe a estrada da vida: o combate ao crime dos poderosos, dos grandes, dos Tartufos com mascara; aos crimes com prejuizo para a colectividade e a defesa do ideal da Justiça. Não há calúnias, não há ciladas, não há amizades, por mais intimas, sinceras e comovedoras, que, por atontamento da própria dôr, nos obriguem a apartar um milimetro sequer desta trajectória luminosa e pura. E se aquêles que não nos subornando por dinheiro, nem nos vergando pela ameaça, julgam que nos vencem pelo coração — enganam-se redondamente. Fe-

(Conclui na pag. 15)



# UM MILAGRE DE AMOR

Uma richa entre camponeses—Morte de homem—Na Penitenciária—A atitude comovedora de uma mulher—Um indulto excepcional—A caminho da felicidade

EM 3 de Agosto de 1923 ocorreu nas Portas de Mertola (Beja) uma desordem entre rústicos, à semelhança de muitas outras, vulgares entre habitantes de aldeias portuguesas. Quando a rixa estava mais acesa, um tal Joaquim Galego, homem de péssima reputação, brandiu um canivete e precipitou-se sobre um camponês, na intenção, provável, de o ferir. Acudiu em auxílio do agredido um primo, rapazola novo, chamado João Maria Figueira, que se envolveu em luta braçal com o Galego. Fôram ambos a terra, onde rebolaram, qual de cima, qual de baixo. E quando o Figueira se desembaraçou do Galego e se ergueu, este ficou estendido, esvaindo-se em sangue, o pescoço cortado pela sua própria navalha. Morren

Mariana, que esperava menor rigôr, sentiu que o coração lhe estalava de dôr e café desmaiada, sendo levada em braços para casa dos pais. E apenas recuperou os sentidos e se encontrou em frente da horrível realidade, viu próximo o espectro da loucura. Depois veio a consciência lembrar-lhe o dever de amparar o marido, de o não deixar extinguir-se sem consolações, no isolamento do cárcere. Não, isso não! Ela cuidaria do seu João, dar-lhe-ia assistência e amparo, repartiria com o desgraçado a força de alma que sentia em si... Não, não o deixaria morrer ao abandono! E a Mariana, sósinha no mundo, fortificou-se na sua fraqueza; chamou a si tôdas as energias da sua alma torturada, arrendo desde então num fogo interior, irradiante, misterioso e invisível. Ignorante como era, sem nada saber da vida citadina, logo aprendeu, por intuição, tudo quanto era necessário saber: as palavras e os gestos, cumprimentos, delicadezas, amabilidades, tôdas aquelas insignificantes coisas que atraem a simpatia e impõem o respeito.

Vendeu tudo quanto tinha, tudo quanto algum dinheiro lhe pudesse render.

Reduzida, d'est'arte, à extrema penuria de tôdo o conforto, acompanhou o marido a Lisboa, esteve junto d'ele enquanto a deixaram e só o largou quando as portas da Penitenciária se fecharam sobre o infeliz.

Decorreram quasi oito anos vivendo a febre em que a consumia o espírito em lavaredas de amor sublimado, quintessenciado. Como apenas possuía o pequeno dinheiro que apurava na aldeia onde consumira os poucos meses venturosos do seu noivado extinto, a Mariana sepultou o corpo torturado num tugúrio miserável, alimentando-se a pão e água, dormindo sobre o soalho, sem lençois, sem roupas, gelando no inverno, sufocando no verão. Economizava ferozmente, que o dinheiro era pouco para o tabaco do condenado e para que, nas raras visitas que a lei permite avaramente, a Mariana pudesse levar-lhe qualquer coisa mimosa, um doce ou uma fruta, um sinal do seu infinito amor, para o consolar no infortúnio... Ela via-o assim, nas visitas. Mas dêle não se podia aproximar. Um dia, porém, houve um descuido na vigilância dos guardas. E a Mariana pôde, durante dois instantâneos minutos, apertar nos braços o seu João e beijá-lo em delírio. Momento de felicidade, venturoso instante! E foi só um, um só, em oito anos!

Quando começou o segundo ano de cativoiro, a Mariana viu-se sem dinheiro algum.

Fez acreditar ao marido que lhe pagavam soldada boa em casa rica. E, realmente, foi esse o expediente a que recorreu, empregando-se como criada de servir.

E nessa vida de servir famílias a pobre Mariana exerceu o seu apostolado, conseguiu o seu espantoso triunfo: arrancar o seu João da Penitenciária!

A Mariana não importunava ninguém, fôsse quem fôsse, com o relato das suas desgraças. Não pedia nada, não supplicava, não se pranteava. Falava, apenas. Mas quando conversava era, sempre, sobre o marido e sobre a fatalidade que o castigara a êle castigando-a a ela. A voz asperma da camponesa era, então, tão suave, os olhos irradiavam tanta ternura, de tôda aquela corpórea máquina brotavam eflúvios de

tanta meiguice, de tão concentrado e imenso e infinito amor pelo seu João, que as lágrimas inundavam os olhos dos dotados, dos poucos — tão poucos... — onde se abrigam e escondem espíritos de pureza e virtude, irradiando a luz invisível dos eleitos. Que dizia, a tôdos, a infeliz Mariana? Palavras simples, que outras não sabia pronunciar. Narrava como conhecera o seu João, como o amara logo que o vira, como êle era belo, elegante, valente e generoso; depois, como fôra o casamento, como tôdas as amigas de infancia a tinham felicitado, sabe Deus se com alguma inveja, coitadas; como a lua de mel durara sempre, durante dezoito meses, brutalmente interrompida pela desgraça, pela inclemência de tão espantosa fatalidade...



Mariana Augusta Choca

no dia seguinte, no hospital de Beja, onde foi recolhido tarde e a más horas.

O Figueira foi preso para a cadeia de Beja e, julgado em audiência de júri, condenado em 8 anos de prisão maior celular, seguidos de 12 anos de degrêdo em Africa. Nas Penitenciárias de Lisboa e Coimbra cumpriu pouco menos da pena de prisão celular porque, felizmente para êle, favoreceu-o um perdão do último «5 de Outubro», que o restituiu à liberdade. Mas enquanto o Figueira jazia na Penitenciária, outro drama se desenvolvia fóra das prisões.

Quando o crime foi cometido era o Figueira casado há dezoito meses com Mariana Augusta Choca, que êle, natural de Alvitto, fôra buscar a Baleizão, cêrca de Beja, aldeia populosa e farta. A Mariana vivia honradamente com os pais e, com êles, amanhava os campos, vegetando na rudeza do meio, sem cultura, absolutamente ignorante dos requintes da civilização. Como quer que o marido fôsse bemquisto e de passado limpo de culpa, acreditava-se numa possível brandura da sentença condenatória; como, porém, êle e os seus amigos não dispunham de influência, o processo foi instruído, mais ou menos, «à la diable», o acusado foi mal defendido e os jurados revelaram-se sevêros em demasia. Quando o juiz que presidia à audiência leu a sentença que precipitava o Figueira na negrura da Penitenciária e do degrêdo, a pobre



João Maria Figueira

O condenado era rapaz novo, de sangue rico e generoso. Não via, sem indignação, o sofrimento dos outros presos. E, por vezes, acudiu por êles, indignado com a crueldade dos guardas. Ora isto, mesmo que seja apenas por um gesto ou por um olhar, é motivo, logo, para castigos. Aquela gente já não está viva. São mortos vivos. Matou-os a Justiça humana, quantas vezes falsa, sempre cruel. O comportamento do Figueira era, pois, irregular, mesmo mau. Ainda não morrera por completo. Ora não havia exemplo de se ter indultado um penitenciário de mau comportamento...

Já milhares de pessoas — gente dos mercados, crianças que vagueiam pelas ruas, orfãos que já mais conheceram pai ou mãe, operários do acaso, roendo a fome do desemprego, mulheres de humildes misteres — conheciam a Mariana... E diziam, como as damas e os cavaleiros de distinção:

— Desgraçada mulher! Pobrezinha dela!... Devia-se perdoar ao marido!

O feixe de irradiações aumentava sempre. O fenómeno não eclodiu em revolta popular. A irradiação foi bater no coração dos homens de Estado. Já há dois anos fôra tentado o perdão do Figueira, mas não fôra concedido. Mas em Outubro de 1930 o fenómeno surgiu, perfeito e completo. O Sr. Presidente da Republica assinou o decreto de indulto. O amor de uma

(Conclui na pag. 14)



# O gráfico da morte

Que haverá para além da morte? — A imaginação humana e a realidade dos factos — Dante e Shakspeare — Os espíritos e teosofos — Um novo e maravilhoso invento

A morte é, desde que o Homem apareceu sobre o planeta, a sua preocupação máxima. O que existirá para lá daquele instante supremo em que o coração deixa de palpar é o problema mais grave, mais enigmático que a humanidade tem tentado em vão descobrir. Sem notícias positivas do Além, os que vivem entregam-se a suposições, cálculos

de grande sombra que o fará desaparecer para sempre é uma tarefa utilíssima a que, há muitos séculos, feiticeiros, físicos e médicos se entregam cheios de esperança na decifração do enigma da morte.

Sabe-se que o estertor, com a sua cantilena horripilante, anuncia a proximidade do fim; que a irregularidade da respiração e das pulsações, a lividez, os suores frios, a imobilidade do olhar, as agonias, são sintomas característicos dos moribundos, dos que estão prestes a sumir-se no desconhecido.

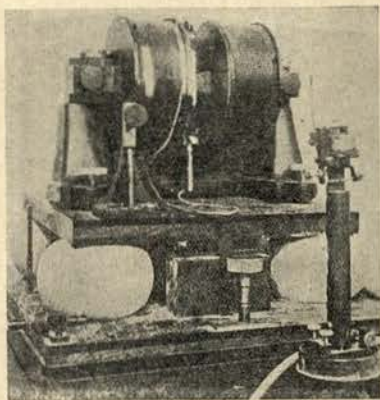
A par destas investigações no campo experimental, que nos deslumbram pela precisão matemática a que chegaram, há a actividade dos metafísicos, dos poetas e dos escritores. Alguns dêles deixaram-nos documentos de imperecível beleza, que a realidade condena mas que o sentimento artístico exalta.

As visões do *Inferno* do Dante, o divino autor da *Divina Comédia*, que representam senão o esforço, o colossal esforço da imaginação humana, servido por um cérebro genial, aplicado à decifração do eterno enigma? E o *Hamlet*, de Shakspeare, cuja acção trágica enregela a alma, em volta de que gira, afinal, senão do problema do Além? E as religiões o que significam senão a ascensão da alma humana para as regiões ignoradas e misteriosas que se supõe existirem para lá da morte?

Teorias hoje em voga tentam explicar e descrever o Além com tanta minúcia e precisão como se descreve o mundo em que vivemos. Os teosofos e os espíritos convictos vivem na ilusão feliz de conhe-

A ciência inventou mais um aparelho de precisão que mede e grava a trajectória das pulsações de um moribundo até ao instante supremo em que deixa de viver.

Esse aparelho pesa as pulsações humanas com a mesma precisão e minúcia



Galvanómetro do Prof. Einthoven, que regista as pulsações dos moribundos

e fantasias que satisfaçam a sua ânsia de conhecer, de penetrar nêsse mundo desconhecido.

O mistério da morte tem dado origem a religiões que nêle se fundamentam. O povo egípcio, por exemplo, vivia para uma vida eterna que êle supunha existir para além da morte. Essa crença deixou à posteridade uma grande riqueza monu-

mental que hoje é a admiração de todo o mundo culto.

Onde a preocupação de conhecer o que existe para lá dessa grande porta muda e hermética mais se acentua é na luta contra a enfermidade. É esta o veículo que conduz ao silêncio misterioso e terrificante da morte. Registrar tôdas as modalidades da doença, descobrir e compreender tôdos os sinais fáticos do corpo humano que fazem aproximar o homem

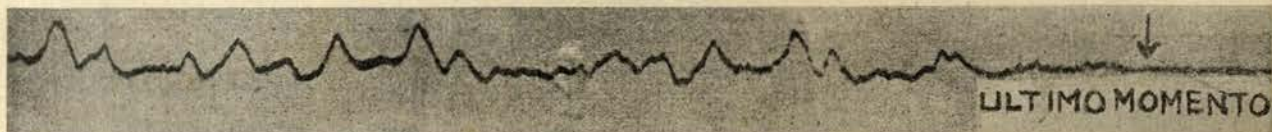
cerem pertencente o que se passa no outro mundo. Mas terão êles razão? Nós, ainda tão fracos para descobrir tôdos os mistérios da vida real, como poderemos ter confiança no que se propala com mais ou menos convicção à cerca do país da morte?

Por enquanto, apenas conhecemos de positivo alguns indícios da presença dessa coisa indecifrável que se chama vida no corpo humano.



Os electrodos são ligados ao pulso e ao quadril direitos

com que as balanças dos laboratórios indicam o peso de quantidades invisíveis. Por êle sabemos as oscilações do pulso e conhecemos o momento preciso em que o ser vivo passa à situação de



coisa morta. Êste aparelho, que alguns hospitais alemães já usam, é mais uma maravilha do génio inventivo dos homens, é mais uma grande conquista da civilização e do progresso, mais um passo andado no caminho interminável que conduz à suprema sabedoria — mas deixa-nos tão adiantados como dantes à cerca do grande, do insondável mistério que encobre o nosso destino.

Z.



# Os grandes desastres de caminho de ferro

O dedo da Fatalidade — Um amigo de Portugal — Uma conversa curiosa — Um inglês turista profissional — O homem que assiste incólume a tódos os desastres — Os empresários de catástrofes

UMA coisa que produz calafrios ao mais valente é a proximidade de um grande desastre. Passamos ás tantas horas, pela rua tal, junto ao prédio número tantos. No dia seguinte, sabemos pelo noticiário dos jornais, que, cinco minutos depois de termos passado por aquê local, o prédio derruiu, sepultando um transeunte. Não deixamos de estremecer. Instintivamente, pensamos que escapámos da morte por cinco minutos. Cinco escassos minutos — que nada são na vida de um homem — ás vezes, representam tudo, constituem na sua singeleza cronométrica a sua salvação.

Nunca nos esqueceremos de que há anos, após uma digressão pelo Norte do país, chegámos ao Porto na intenção de embarcarmos nêsse mesmo dia para Lisboa. Alguns amigos daquela cidade convenceram-nos, porém, a adiar por vinte e quatro horas o nosso regresso. No dia seguinte, os nossos olhos fixaram-se alarmados nas grandes parangonas das gazetas que

Seria coincidência? Acaso? Mas o que vem a ser concretamente o acaso, a coincidência? Lembrámo-nos então de que nas ante-vesperas do desastre da Figueirinha, um dos mais horrorosos, dos que mais agitou a opinião pública porque a sua origem criminosa era patente, vieramos nós do Algarve, no comboio correio, passando pelo local fatídico.

## UM VIAJANTE EXPERIMENTADO

Há tempos, regressando de uma viagem pela Beira, travámos, no *Sud*, conhecimento com um francês amavel, que vive habitualmente na Belgica, onde exerce a profissão de engenheiro. Temos aqui na nossa banca o seu cartão de visita, a única recordação palpavel que nos resta dêsse esplêndido companheiro de viagem. Relemos o cartão: *Paul Dubois, ingénieur, Rue Royal, 325. 2e.*

O engenheiro francês nunca viera a Portu-

estudo da psicologia do viandante. São raras as vezes que viajo em que os meus companheiros de viagem não aborem êste tema.

Contámos-lhe, então, a coincidência das nossas viagens com a proximidade dos desastres.

— Isso — disse êle, chalaceando — indica que você nasceu sob um bom signo. É caso para viajar descansado. A desgraça não o quer atingir. Sinto-me feliz por tê-lo por companheiro de viagem. Sucede comigo precisamente o contrário do que acontece com um inglês meu amigo que eu conheci na India, há anos, quando lá passei. Mr. Edward Plymouth, assim se chama êle, tem uma profissão original: é turista. Sim, metodizou por tal forma as suas viagens, que elas se transformaram numa preocupação quasi profissional. Viajar, para êle, é uma obrigação. Quando algum plano de viagem lhe falha, sente um desgosto tão grande como você quando perde uma reportagem sensacional. Pois bem; êste inglês é raro viajar em caminho de ferro que não lhe suceda algum desastre. Ou melhor, êle encontra-se no meio dos desastres mas escapa sempre milagrosamente. Há pouco recebi dêle um curioso telegrama da America com êstes dizeres sintéticos: «Tudo despedaçado. Eu salvo. Edward». Não compreendi bem o sentido daquêle rádio. À tarde, li nos jornais que tinha havido um horroroso desastre na America do Norte. Um comboio rápido galgara sobre outro numa velocidade de 140 quilómetros à hora. Apenas se salvara um passageiro: Era *Mister Edward Plymouth*.

## OS EMPRESÁRIOS DE DESASTRES

Paul Dubois teve uma curta pausa como que meditando em curioso assunto. E de súbito fez-nos esta pergunta, que nos deixou assombrados:

— E em Portugal os empresários de desastres não têm cometido das suas proezas?

—?

— Sim, os empresários de desastres...

Explicámos-lhe que só tínhamos conhecimento da existência de negociantes de naufrágios...

— Mas é tudo a mesma empresa! — exclamou o engenheiro. — São uns cavalheiros que têm sede na Holanda, a pacata Holanda, e que estendem a desgraça a tódo o mundo, no intuito de receberem a indemnização do seguro de pseudo-mercadorias que fazem embarcar pelos mais variados meios de transporte.

Rapidamente, como num *film*, perpassaram pela nossa memória inumeras catástrofes ferroviárias cujas origens nunca tiveram explicação cabal.

REPORTER MARIO

## COISAS QUE TODOS DEVEM SABER:

A CASA QUINTÃO vende os afamados Tapetes de Beiriz, faianças artísticas e mobiliário género antigo

Rua Ivens, 30 a 34 — Telef. 2 6064



Um choque de comboios nos Estados Unidos: A locomotiva dum «rápido» que, durante uma tempestade de neve, se precipitou sobre um comboio de passageiros em Readville

se referiam a um grande desastre ocorrido na vespera — precisamente no dia em que nós devíamos ter embarcado para Lisboa. O nosso pensamento, muito egoísta, muito humano, foi: «Olha se eu tenho seguido ontem!»

Tratava-se do célebre desastre da Lamarosa. A máquina do *Sud*, deslizando-se do resto do comboio, tinha-se precipitado numa velocidade louca, passando pelo Entroncamento como um sópro ligeiro, sem que ninguém tivesse tido tempo de a vêr.

Víamos para Lisboa. Poucos dias depois tencionávamos ir a Cascais, no intuito de procurarmos ali casa de habitação, o que mais tarde fizemos. Por qualquer motivo, que não nos ocorre agora, não fomos no dia projectado — e nêsse dia ocorreu o desastre de Belem, um choque de que resultaram inúmeros feridos.

Começámos então a meditar na proximidade dos grandes desastres ferroviários. Dir-se-ia que êles constituíam uma permanente ameaça à nossa vida, como se o dedo da Fatalidade andasse a indicar-nos à voracidade da morte. Passámos, mentalmente, o nosso passado em revista, e encontramos, um pouco intranquillos, mais grandes desastres ferroviários perto de nós.

gal. Travara conhecimento com alguns portugueses na exposição de Antuerpia e, segundo confessou, do trato amavel dos nossos compatriotas e do exame atento que fizera ás nossas coisas coloniais na referida exposição, nascera nêle uma grande curiosidade pelo nosso país. Aproveitara uma curtas férias para nos visitar.

Modestamente, dissemos-lhe que iria sofrer uma desilusão. Portugal estava ainda longe do ritmo de civilização a que êle se habituara. Mais tarde, em Lisboa, soubemos que as nossas palavras pessimistas não o tinham convencido. Pelo contrário, regressara á Belgica entusiasmado com a beleza da paisagem, a cordura dos habitantes e o esforço nítido produzido pelos portugueses em favor do Progresso.

Conversámos de inúmeros assuntos curiosos durante o nosso primeiro encontro. Paul Dubois é um cavaqueador adoravel, um *raisonneur*, como dizem os seus conterrâneos. A palestra incidiu, a certa altura, sobre desastres ferroviários.

— Os desastres de caminho de ferro — disse êle, sorrindo — constituem a conversa predilicta dos viajantes. Não sei se você já reparou nêste pormenor curioso, admiravel elemento para o



# Os falsificadores de aleijões

**O homem da perna inchada — Pelas feiras e romarias da província — Um aleijão de cêra que se derrete — Um coxo que baila com as muletas debaixo do braço**

**E**u tinha nêsse tempo uns dezanove ou vinte anos e vivia, como quasi tôdos os rapazes da minha idade, mais pelo coração do que pelo cérebro. Tudo na existência — tragédias sanguinolentas, dramas morais, ridículos da vida e alegrias esfuziantes — se reduzia a imagens literárias. A minha sentimentalidade vibrava tôda ela em literatura. E nesta predisposição de espírito, aquêle homem relativamente novo que eu encontrava tôdos os dias no caminho de minha casa sentado num portal, uma perna disforme, inchada e chaguenta, esmolando a quem



Um suposto coxo cujo nome ocultamos

passava, não causava apenas horror, fazia-me pensar no grande romance doloroso que se poderia escrever com a análise psicológica daquêle aleijão.

Habituara-me a vêr aquêle mendigo, dia a dia, familiarizara-me com êle e uma tarde cheguei mesmo a entabolar dois dedos de cavaco. Dizia-me êle então que ignorava a origem da sua moléstia, não possuía meios para consultar grandes médicos especialistas, era casado, tinha mulher e três filhos a sustentar parcamente dos vintens que pingavam da caridade pública.

A partir dessa conversa com o mendigo que eu conheci, tôdos os monstros humanos que encontrava no caminho me parecia que haviam de ter mulher e filhos a sustentar. Visionava os seus tugúrios miseráveis, sombrios, e lá dentro, movendo-se como sombras, como espectros, entes famélicos gemendo de fome e de doença, escorrendo pús de mil e uma feridas nojentas, e pensava que enquanto

houvesse no mundo pessôas que tanto sofressem, não teriam os homens válidos e sádios direito a um só momento de alegria. Em nome duma solidariedade doentia para com os abortos humanos espalhados pelo globo, eu condenava no meu íntimo a humanidade inteira a uma tristeza eterna.

Comecei a viajar pelo país. E por essas feiras da provincia, banhadas de sol alacre, e por essas estradas brancas de pó frequentadas porromeiros alegres, eu encontrava sempre a empanar o brilho do sol, ou a emprestar um tom magoado às vozes harmoniosas dos cantadores, a mancha sombria do leproso, do chaguento, do coxo, do maneta, do cego, que esmolavam em ladaíinha triste um obulo ao transeunte.

O país está cheio de monstros humanos. Dir-se-ia que os hospitais onde êsses desgraçados deveriam conservar-se encerrados abriam as suas portas e deixavam entornar cá para fóra, como líquido que se esvai dum cesto, tôda a miséria humana, tôda a desgraça física, que comove e enjoa a um tempo. Mas as minhas ilusões e a minha emoção sincera, experimentada ante êsses espectáculos de horror, esfriaram quando há tempos, em uma das minhas digressões jornalísticas por um bairro pobre da capital, tive ocasião de travar conhecimento directo, íntimo, com um coxo muito conhecido que anda de muletas pedindo esmola em Lisboa.

O homem estava demasiado alegre e essa alegria contrastava com o seu triste aspecto físico. Não revele aqui o seu nome para não lhe estragar o negocio... mas tenho a certeza de que tu, leitor, já lhe deste mais de uma vez, comovido, a esmola que ele parece merecer.

O coxo aceitou alvorçado e contente mais alguns copos de vinho tinto que eu lhe ofereci. Sob a acção do liquido, a sua boca falou mais do que lhe permitiam as suas próprias conveniências. Alargou-se na revelação de certos segredos verdadeiramente sensacionais. Assim, eu soube que êsse tal aleijado, que me comovera há anos com a disforme inchação da sua perna, não passava de um intrujão vulgar.

— Esse tipo — dizia-me o coxo, cambaleando nas muletas e limpando os beiços sujos de vinho ás costas da mão — não passa dum intruja. Aquela perna inchada que você lhe via era de cêra e as feridas pintadas em casa com zarcão. Um

dia o tipo descuidou-se e adormeceu ao sol, estava muito bebado. Quando acordou, a perna tinha desinchado. O sol encarragara-se de a derreter. Teve que ir a tôda a pressa para casa com a perna sã à mostra e nunca mais tornou a fazer praça naquêle lugar.

— Vai mais um copinho? — perguntei eu ao coxo, que cometia a imprudência de revelar os segredos de um outro coxo seu colega.

Foi mais um copinho, e outro, e outro,



Um monstro que há muitos anos se exhibe, esmolando, em festas e romarias

e quando, cêrca da meia noite, o taberneiro nos convidou a sair porque desejava encerrar a loja, o coxo, que tinha principiado naquêle momento a trautear uma ária dos tempos da sua mocidade, meteu as muletas debaixo do braço e, num bailado nervoso e ágil, deu realce à vibração da sua alegre cantiga.

Escuso de comentar êste episódio. Ele é, por si só, bastante eloquente para demonstrar até que ponto se especula em Portugal com a piedade de cada um. Não quero dizer com isto que não haja por êsse mundo muitos desgraçados cuja miséria merece a comoção que nos provoca. Ao condenar os falsificadores de aleijões, vai ao mesmo tempo tôda a minha solidariedade para os que sofrem sinceramente e vivem talvez entre dificuldades que nós não devemos desejar nem ao nosso pior inimigo.

M. D.

ESTE NUMERO FOI VISADO  
PELA COMISSÃO DE CENSURA



# Uma onda de gases sôbre Lisboa

O caso do distinto artista Joaquim Miranda — C. de Carvalho Pinto também desmaia — A ilustre jornalista D. Virginia Quaresma — Um guarda-freio dos eléctricos — Nas farmácias e nos consultórios — A scena cômica na loja do sr. Coutinho da Silva — Outros casos simultâneos — O que se passou na Belgica e na França — A explicação do enigma através o livro de Karl Meyer.

Na terça-feira 10 do actual mês de Março, cerca das seis horas da tarde, estando conversando no meu gabinete de trabalho com o distinto artista Joaquim Miranda, a quem devo uma valiosa colaboração num pequeno papel da «Dama do Sud», falou-se, não sei porquê, em doenças. E Joaquim Miranda, moreno, magro mas de uma rizeja bem lusitana, rebrilhando a pupila negra afirmou-me que a sua saúde era uma espécie de malha flexível e mecanizada defendendo-o contra todos os imprevisíveis e ciladas da vida. Queria êle dizer na sua que era saudável e que, sendo-o, naquêlo momento com muito mais saúde se sentia... Consultámos o relógio, cada um na intenção dos seus afazeres: eram seis horas. Joaquim Miranda ergue-se, flanqueia a minha secretária, e encl-

vinha as mãos no rebordo do espaldar dum cadeirão. Sigo-o com o olhar, numa leve suspeita. — Estou agoniado... — murmurou. Ofereci-lhe aquela sciência «pronto-socorro» de que todos nós dispomos nestas circunstâncias, que vai do naturalismo da água pura à alquimia da efusão de fôlhas de chá. Miranda, sem me responder, evolucionou um pouco, sempre a floretar o seu olhar com o meu, as pupilas ganhando uma luz duvidosa, até que, fixando-se bruscamente, dilatando-se, com as faces pálidas como as de um herói do Museu Grevin, revirou-voltou-se, e hirto, como um corpo sem articulações, caíu ao comprido no solo, os braços abertos em cruz, o rosto contra o soalho... Nos primeiros instantes sofri a tortura de o supôr morto. Mas a rapidez com que voltou a si convenceu-me da pouca gravidade da crise, os sinto-

**Na terça-feira, 10 do corrente, às 18 horas em ponto, fôram acometidos, em vários pontos da capital, por um misterioso desmaio de curta duração e sem consequências, milhares de individuos de ambos os sexos, fortes e fracos, ricos e pobres — alguns dos quais bastante conhecidos do público**

mas da perturbação que se seguiu até se normalizar e reconquistar as tintas saudáveis das faces e a expressão do seu olhar vivo e brilhante preocuparam-me pela raridade, pelo ineditismo e por não se acertarem com qualquer das hipóteses propostas pela experiência. Qual a causa daquela súbita enfermidade? Ninguém o soube explicar, nem êle, nem os médicos...

Isso foi terça-feira 10 do corrente. Nessa mesma noite e depois da sessão nocturna de trabalho (que nós, jornalistas, somos dos que trabalhamos pelo menos todos os dias, além de trabalharmos quasi todas as noites e madrugadas) desci a participar de uma orgia de café com dois camaradas da charrua da pena, quando no «Nicola» encontro o meu velho amigo C. Carvalho. Fonografaram-se as saudações do ritual e como novidade maior, aquele admirável *causeur*, que viajou por todo o mundo parece que com a missão de se tornar numa espécie de «livro oral» de episódios palpantes, que os amigos folheiam, informou: — «Sabes? Julguei que morria hoje... Estava no «Avenida»... Súbito comeci a sentir-me mal disposto, uma garra de ferro enterrando-me as unhas no coração até o cérebro se apagar... Quando voltei à vida estava ainda estendido no soalho do café, a cabeça apoiada ao joelho de um amigo, enquanto outros amigos e os creados me desapertavam e me tratavam pelos processos habituais de água fresca e chá...»

— São frequentes em ti, êsses ataques? — indaguei, já com a pedra no sapato. Que não respondeu. Não se recordava mesmo de um só desmaio, nem sequer de uma tontura preambular naquele género ao longo dos seus quarenta e pico de anos... E a que horas tinha sido?... — quis saber.

— Eu te digo, meu velho... Deviam ser seis horas em ponto visto que às seis menos poucos minutos me levantara eu da minha mesa para sair e foi a caminho da porta que o ataque me fulminou...

## QUANTOS LISBOETAS FORAM ATACADOS PELO INOFENSIVO DESMAIO?

No dia seguinte, encontrando-me com a minha ilustre camarada dos bons tempos — D. Virginia Quaresma —, cérebro, alma e espírito suficientemente valiosos para três cérebros, tres almas e três espíritos, sobretudo nesta época em que a Bolsa destes valores está em crise — escutei-lhe a seguinte confissão:

— V. sabe Reinaldo, porque lida comigo há muitos anos, que não sou atreita a desmaios nem crises nervosas, graças a Deus, porque isso seria incompatível com a vida intensamente jornalista que tenho levado. Pois ontem, pela primeira vez na minha vida, estando a falar com o sr. Pereira da Rosa, no seu gabinete de O Seculo, comeci a sentir-me angustiada, num mal estar asfiziante... Encurtei a entrevista, na esperança de que o movimento e o ar me reanimassem... Não tive tempo de pôr em prática esse plano porque, mal abandonava o gabinete do director de O Seculo, caí como que fulmi-

nada pela morte... Não foi perder os sentidos — foi pior; algo de inexplicavel, de ignorado — uma espécie de suspensão de vida, passada a qual à vida regressi numa tal normalidade como se o ataque não tivesse causa nem tivesse deixado o menor vestigio...

— E a que horas foi isso, D. Virginia? — A's seis menos cinco entrei no gabinete do sr. Pereira da Rosa... Poucas palavras pude trocar com êle...

A partir de então desflecharam-se de todos os lados informações idênticas... Rara foi a pessoa, o amigo, o conhecido ou o desconhecido que me visitasse ou que se cruzasse comigo na rua e com quem falasse que não me trouxesse uma nova revelação... Uns evocavam êsses ataques por ser a vítima das relações de ambos; outros por terem sabido de dois casos gêmeos e recordavam-nos por estranheza provocada pela simultaneidade; outros ainda



Quando as cidades pacíficas fôrem atacadas pelos aviões, não de organizar-se brigadas de salvadores dos civis...

(Karl Meyer)

porque pasmavam do contraste entre a compleição física do atacado e a expressão de debilidade feminina do ataque... Na Farmacia Azevedo, dois clientes que tinham ido buscar remédios receitados para doentes da família, mas que apresentavam belo espectro físico, caíram quasi ao mesmo tempo — um próximo ao balcão, outro já a dar o primeiro passo fóra da porta. No Cinéma Olimpia foi uma espectadora do balcão e outra da plateia... Num «eléctrico» na Avenida Almirante Reis — e testemunhado

pelo meu amigo tenente Rosado de Almeida — foi o próprio guarda-freio que travou bruscamente o carro, pelas alturas da Rua Nova da Palma, e recolhendo-se e caindo numa banqueta — mal teve tempo de prevenir o colega condutor de que se sentia como que agonisante... Nos consultórios médicos, das 6 para as 6 e meia, houve uma invasão geral de clientes inesperados e até inéditos que entraram, assustados, medrosos, suplicando uma consulta urgente, apavorados pelo que lhes sucedera e julgando-se nas presas de uma enfermidade ignorada mas gravíssima... O dentista Dr. Romualdo Pinto, da Avenida da Republica, que viera à Baixa para preparativos de uma viagem ao estrangeiro, foi atacado pelo mesmo mal fulminante e efêmero, nos corredores do Governo Civil. O conhecido comerciante da Rua do Ouro, José Coutinho da Silva, estava a essa mesma hora a atender uma freguesa e, como até nas maiores tragédias surge às vezes Moilière a combinar scenas de farsas, a freguesa foi a primeira a cambalear; e quando os caixeiros corriam a ampará-la, o patrão cambaleava também; e na hesitação em que estiveram uns segundos, a ver a qual dos dois deviam acudir, deixaram que os dois caíssem...

Vejam os jornais de grande informação de quarta feira 11, procurem as secções de acontecimentos de rua, e constatarão que a lista dos atacados de «doença súbita» foi muito maior do que de costume. Outra fonte de informação é a nossa própria memória... Não se recordam de nenhum caso semelhante, de ataque súbito, correspondente à mesma data — quer sucedido à vossa vista quer narrado por algum do vosso conhecimento? Recordam-se, sim, porque o número desses ataques é tão volumoso que devia alastrar-se de forma a ter chegado, através de um ou mais casos, ao conhecimento de todos os lisboetas...

Mas fixemos bem este ponto averiguado e sintomático: esse mal misterioso que atacou até os mais robustos e os que jámais tinham sofrido uma simples crise nervosa desabou sôbre Lisboa não só no mesmo dia — terça-feira, 10 de Março de 1931 — mas também à mesma hora: às 6 horas da tarde ou seja às 18 horas... Podia ser num período de tantos minutos, das 5 e 50 às 6 e 10. Não! Foi às 6! Às 6 em ponto!!

## CASOS ANTERIORES, SEMELHANTES, MAS MAIS GRAVES

Está ainda no espírito de todos, confrangendo-nos ao evocá-lo, certo telegrama publicado na imprensa mundial em meados de Dezembro último, no qual se anunciava que numa cidade do norte da Belgica, numa determinada manhã, o tempo, que estivera excepcionalmente luminoso e tépido (excepcionalmente porque o clima na Belgica é dos menos suaves, sobretudo em pleno inverno), tornara-se enevoado, enfarruscado, como se as mais densas nuvens houvessem descido até aos telhados; e com uma simultaneidade fantástica tinham caído, fulminados por um mal desconhecido, algumas centenas de individuos, dos quais algumas dezenas tiveram morte instantânea... O único ponto de contacto que os médicos encontraram entre os atacados era de quasi todos êles serem bronquíticos não resistindo ou morrendo precisamente os asmáticos.

Controvérsias, milhares de artigos, pirâmides de hipóteses, hmalaias de opiniões, mas a tragédia foi-se diluindo no éco das outras tragédias mais recentes, ficando apenas a boiar nos espíritos a reminiscência de que se falara em gases, produzidos talvez por qualquer das

muitas fábricas daquela região belga, das mais industriais da Europa... Pouco tempo antes, passara despercebido um outro telegrama, vindo do norte da França, em que um correspondente informava dum fatalidade semelhante em tudo, até no mistério da origem. A razão de não ter produzido nenhum alarme essa tragédia foi porque o número de vítimas era muito menor ao da cidade belga. Nesta, os atacados iam quasi a um milhar; naquela não chegaram a uma centena. Mas se os leitores tivessem tido um ponto de referência, se soubessem que na região belga atacada a percentagem das vítimas era de vinte por cento da população e que na francesa era de setenta por cento; se soubessem sobretudo que os casos mortais, na Belgica, não atingiram dez por cento e que na França tinham alcançado os noventa por cento, teriam concluído que o segundo caso era infinitamente menos grave do que o primeiro (caso fôsse o primeiro, que não o é...).

O dever do jornalista não é apenas o de apurar e juntar acontecimentos dispersos ou desconhecidos: é, principalmente, o de ajudar o público a orientar-se, pelos meios de que êle, jornalista, dispõe de forma a poder encaminhar-se para uma hipótese mais ou menos lógica, sempre que se trate de uma charada por decifrar... E para



Ao menor alarme, a população civil reúne-se nas principais praças para receber mascarões contra os gases asfiziantes (Karl Meyer)

a decifração dêste grave enigma só conheço um sistema: o da leitura de um trecho do célebre livro do judeu alemão Karl Meyer, «Prochaine-ment»...

O livro de Karl Meyer, que obtive em Fevereiro, na Alemanha, um êxito idêntico ao de «4 de Infantaria» mas que dificilmente pulou para o estrangeiro, foi traduzido ao francês por Pierre Delamaré, com prólogo do capitão-aviador Treville e editado pela colecção «Etoile» (Bernard & Montagne — Paris). Em toda a obra êle visiona a próxima guerra em tintas dum pessimismo macabro, em que as montanhas de cadáveres da passada guerra são montículos pigmeus comparadas com a do futuro, afirmando que a percentagem da morte dos guerreiros, embora muito superior à outra, será insignificante em relatividade à morte das populações civis, das mulheres, dos velhos e das crianças... A guerra química, ajudada pela aviação, é a guerra do futuro, a próxima guerra. As batalhas das trincheiras, os assaltos, as cargas à baioneta, os raids, os avanços dos «tanks», a metralha das peças de artilharia, melhor apropriadas para expeditar viajantes para a lua do que para dispararem blocos de aço — serão brinquedos trágicos confrontados com os raids às cidades pacíficas, sôbre as quais se despejarão nuvens de gases enfiando as populações na fumarada que lhes ras-

(Conclui na pag. 14)



Os «raids» aéreos dos inimigos sôbre as grandes cidades deixam, atrás de si, montões de cadáveres, vítimas de gases (Karl Meyer)



# OS "BENEMÉRITOS" DE MOURA

## «FEIRA DE AMOSTRAS»

Como uns cavalheiros "caridosos" conseguiram acudir às aflições de alguns contribuintes daquela pacata vila

— Luís Teixeira, um jovem que inicia — com felicidade a sua carreira literária

EM Moura, vila alentejana das mais pittorescas, onde o *Reporter X* conta inúmeros leitores e simpatias, poucas são as ocorrências sensacionais. A vida ali decorre numa deliciosa pacatez que nós, habituados ao bulício entendedor da cidade, quasi invejamos.

Mas, revoltados talvez contra tanta calma sertaneja, algumas pessoas resolveram provocar nestes últimos tempos uma certa agitação nos espíritos habitualmente tranqüilos daquela vila. Essas pessoas, que tomaram piedosamente à sua conta a perturbação dos espíritos, instalaram-se na Repartição de Finanças e ali se conservarão, decerto, enquanto entidades superiores, depois de bem informadas, os não desalojarem.

### UM EMPREGADO COM UM BOM CORAÇÃO

Vamos à reprodução fiel e serena do primeiro episódio, que alarmou toda a população de Moura:

O comerciante José Ramalho Pires contou, na presença do administrador do concelho, o sr. Antonio José Ximenes de Negreiro, e do presidente do município, sr. Dr. Francisco Garcia e Garcia, que o chefe fiscal informador João de Brito Vale o multara na quantia de

propôs-lhe, com o ar de quem lhe prestava um grande, um inestimável favôr:

— Homem, não se zangue que tudo se há-de arranjar pelo melhor. Eu sou capaz de fazer com que você não pague senão três contos. Mas isto, é claro, fica apenas entre nós.

O comerciante entregou os três contos ao Vale e o Vale nunca mais o incomodou.

O segrêdo que devia ficar entre ambos não ficou — como se verifica — não só porque êle é agora do conhecimento do *Reporter X* como ainda por o comerciante o ter contado a várias pessoas, entre elas as de categoria que já citámos no começo d'êste relato.

Mas há mais: Benigno do Carro Ricó (parece um nome de novela mas garantimos-lhe a autenticidade) é um modesto comerciante da freguesia da Povia, próxima de Moura. A êste homem surgiu um dia, por fatalidade, o João de Brito Vale — que vale quanto pesa — a exigir-lhe uma multa de dez mil escudos. Benigno, aterrorizado, achando maligno o seu destino, jogou as mãos à cabeça, correu à Repartição de Finanças a gritar que estava perdido. O Vale, vendo-o tão allito, *comoveu-se* e disse-lhe que fôsse a casa do comerciante José Ferreira Ramalho, que lá conversariam. Ali, o Vale desceu piedosamente, caridosamente, a multa de dez contos para dois contos e quinhentos escudos que o Benigno, mais conformado, lhe entregou — particularmente.

### O SALUTAR CONTÁGIO DA BONDADE...

Como se vê, João de Brito Vale é uma pessoa de bom coração, não pode ver ninguém allito, motivo porque reduz a proporções mínimas as multas reais ou fictícias que, em nome da Repartição de Finanças de Moura, apresenta aos contribuintes da sua área.

A bondade de alma de que João de Brito Vale é dotado tem sido contagiosa, porquanto outros empregados da referida Repartição de Finanças imitam o seu procedimento altruista.

O aspirante Martinho Zorro Raposo, por exemplo, no registo de propriedade, para que os contribuintes, coitados, não sejam muito sobrecarregados, reduz propositamente o valor das propriedades descrito na matiz, sendo muito sensível à gratidão dos beneficiados. E até o escrivão das execuções fiscais usa de processos que muito conviria fôsem exami-

Nós que não somos velhos, embora os primeiros cabelos brancos, criados mais pelo ardor do trabalho nesta profissão ingrata do que pela idade, comecem a alvejar na nossa cabeça, saúdamos sempre com entusiasmo os escritores novos que assomam, ávidos de beleza, à janela da vida literária.

E quando êsses novos se apresentam de ideias desempoeiradas, frêscas, modernas,



como Luís Teixeira, sentimos êsse entusiasmo redobrar em nosso ânimo.

Luís Teixeira, que acaba de publicar o seu primeiro livro, «Feira de Amostras», é um jovem que tem subido à força de talento e de energia. É um trabalhador febril, apressado, que sabe «ver» e reproduzir com elegância de frase o que vê. Dir-se-á que a sua observação é fugaz e, portanto, superficial. Isso, porém, não é um defeito — é nêle uma qualidade, porque está em perfeita harmonia com a sua maneira de pensar, com a sua doutrina literária, chamemos-lhe assim, bem expressa no prefácio do próprio autor que antecede o conteúdo variado, impressivo, colorido da «Feira de Amostras».

Não podia, portanto, Luís Teixeira iniciar com maior felicidade a sua carreira literária, para a qual demonstra possuir invulgaes qualidades.

G. R.

## NOVELA POLICIAL

Director: REINALDO FERREIRA  
(REPORTER X)

PUBLICA-SE SEMANALMENTE

nados com rigôr por um syndicante enérgico — um syndicante capaz de obrigar esta gente a não se comover tanto com as aflições dos contribuintes que, afinal, sempre vão contribuindo, embora indirectamente, para a ruína do Estado e para o bem-estar de tão maus servidores da Fazenda Nacional.



O sanatório, em Moura, onde alguns funcionários da Repartição de Finanças daquela terra deviam estar para cura de repouso...

dez a doze contos, aproximadamente. O sr. Ramalho Pires ficou alarmado com esta fatalidade, protestou, afirmou que não podia pagar uma multa tão grande, deu, entim, as suas explicações. O referido fiscal, depois de o escutar com atenção,



# O coleccionador de pesadelos

Um encontro com um velho amigo — De poeta lírico a economista grave — Quanto custa um pesadelo — O coleccionador mais excêntrico do mundo — Os sonhos dos homens célebres

AQUÉLE abraço quasi me estalara os ossos. Mal tivera tempo de reparar sequer no seu rosto — um rosto bexigoso como que talhado a canivete, onde scintilavam uns olhos côr de azeitona de Elvas, risinhos e francos. Eu conhecia aquêle homem, lembrava-me de lhe ter falado não sabia onde, e enquanto rebuscava na memoria qualquer recordação mais nítida, o desconhecido, que eu encontrara á en-

tamento em qualquer país de fala castelhana. Um dia lembrei-lhe:

— Porque não tentas um salto até à Argentina?

Ali poderia êle encontrar talvez modo de vida lucrativo em qualquer grande jornal daquela nação sul-americana e vir a ser — quem sabe? — um homem célebre nas letras mundiais.

Pablo Montreal escutou e aceitou o meu conselho. Poucos dias depois, feitas *démarches* apressadas junto das associações marítimas de Lisboa, êle seguia como creado do *Almanzora* para Buenos Aires.

## UMA REPORTAGEM ORIGINAL

Decorreram cerca de dez anos e, há poucos dias, era já outro Pablo Montreal que me apertava nos seus braços amigos e me convidava a cear com êle, nessa mesma noite, no «Maxim's».

A vida dêste homem durante os dez anos que esteve ausente de Portugal conta-se em poucas palavras. Desembarcado em Buenos Aires, vencidas as primeiras dificuldades, revelado o seu talento de escritor e jornalista em algumas tertulias de intelectuais, o exilado político depressa alcançou lugar de redactor num pequeno jornal da grande cidade argentina. Um ou dois anos depois, o director da *La Prensa* mandava-o chamar, confiando-lhe uma reportagem grave: um inquérito ás condições sociais, políticas e economicas dos Estados Unidos da America do Norte. Pablo Montreal, um poeta lírico e exaltado, que eu conhecera em Lisboa calçando as alpergatas catalãs e sonhando, de olhos em alvo, com o paraíso terrestre da anarquia, transformara-se em um dos mais graves e sisudos economistas da America do Sul. Os seus livros sobre economia política correm o mundo e são hoje citados como de uma das mais sólidas autoridades na matéria. Tudo isto me contara êle há dias quando ceavamos no «Maxim's». Que razões o trouxeram a Lisboa? Explicou-mas. Uma vaga saúde desta capital onde não fizera fortuna, mas onde encontrara um acolhimento fraternal e sincero e deixara alguns amigos, de entre os quais êle destacava a minha humilde pessoa. Lera uma reportagem minha publicada em *La Prensa*, pela qual êle soubera que eu andara disfarçado de vagabundo, estudando oito dias e oito noites os *bas-fonds* da capital, e pelo interêsse que essa reportagem despertara por êsse mundo fóra, tivera a impressão de que a mesma estrêla da fortuna que iluminara o seu caminho de jornalista lançara sobre meu a mesma chuva luminosa. Desenganei-o. Fiz-lhe compreender que em Portugal a notoriedade não se transforma, como no estrangeiro, em riqueza material.

Durante mais de três horas falámos do passado, de projectos, de belos sonhos, de grandes livros a escrever e de sensacionais reportagens a realizar. Subitamente, Pablo exclamou: —

— *Hombre!* Na última vez que estive em New-York descobri um assunto maravilhoso que eu abordaria nas colunas do meu jornal se há muito tempo o meu público não estivesse habituado a vêr-me tratar unicamente de questões de carácter económico. esse assunto daria ensejo a uma verdadeira reportagem sensacional, nos moldes das que Reinaldo Ferreira e tu estão realizando no *Reporter X*.

Como visse no meu rosto estampada uma grande ansiedade, esclareceu:

— Trata-se de um homem cuja psicologia está em harmonia perfeita com a dos americanos excêntricos. E' um coleccionador. Chama-se *Mister William Brown*. Como sabes, a America do Norte é o país dos coleccionadores. Toda a gente colecciona qualquer coisa. Uns coleccionam moedas antigas, outros relógios velhos, selos raros, armas gentílicas, bilhetes de carro eléctrico, amostras de sédas, fardas de militares de tôdas as épocas e de tôdos os países, pregos de tôdos os tamanhos e feitios, etc., etc. Mas o sr. Brown é, de tôdos os coleccionadores que eu tenho conhecido, o mais extravagante e o mais divertido.

— Que colecciona êle, então? — perguntei sem poder por mais tempo conter a minha curiosidade.

Pablo fez uma pausa propositadamente mais longa, sorveu um trago de *Champagne*, acendeu vagaroso o seu *Aubade*, e, depois de soprar duas ou três fumaças, respondeu-me:

— Pesadelos...

## QUERE VENDER ÊSSE PESADELO?

Para satisfazer a minha curiosidade, Pablo Montreal contou-me então como conhecera *Mister William Brown*, o coleccionador de pesadelos. Numa das suas muitas viagens a New-York, succedeu uma vez que, falando com um colega nosso do *New-York Times*, êste lhe notara uma dolorosa expressão no semblante. Pablo contou-lhe que, a-pesar-de já ter acordado havia



Um sonho de Lord Byron

trada do Avenida Palace, falava-me em espanhol num tom cordial e efusivo.

— Homem — dizia-me êle — há quantos anos não nos encontramos! Afinal o mundo não é tão pequeno como eu julgava. Ainda é possível dois grandes amigos perderem-se nêle.

E como notasse na minha expressão que eu ainda não o reconhecera, disse-me:

— Depressa esqueces os teus amigos. Então não te recordas de mim? Sou o Pablo Montreal.

Fez-se súbita luz no meu cérebro. Realmente, eu conhecia muito bem aquêle homem. Simplesmente, da primeira e última vez que o vi em Lisboa, havia uns dez anos, Pablo não tinha aquêle aspecto alegre e descuidado de pessoa a quem a vida decorre entre facilidades e prazeres. Era então um pobre-diabo de grenha revolta, *lavalière* negra flutuando ao vento, indumentária menos do que modesta, que, perseguido por ventos da política espanhola, viera acolher-se à hospitalidade portuguesa. Fôra-me recomendado por um amigo de Barcelona, um homem muito conhecido no movimento revolucionário e avançado do país vizinho, *Noi de Sucre*, grande orador sindicalista, que tombou há anos varado por nma bala traiçoera. Pablo Montreal, muito novo, cheio de sonhos e construindo castelos de perfeição social em seu cérebro exaltado, era mais um poeta do que um homem de acção. Foragido em Lisboa, apenas entregue aos meus cuidados de amigo, êle não podia ter aqui um futuro brilhante. Pensei que as suas esplendidas qualidades literárias encontrariam melhor campo de acção e de aprovei-



Um pesadelo de Edgard Poé

muitas horas, ainda se encontrava sob a impressão terrificante de um grande pesadelo que tivera nessa noite. Sonhara que ia num comboio dos mais velozes que atravessam o continente americano, a caminho da California. Dormitava no *wagon-lit*. De súbito, sentiu a pressão do joelho sobre o peito e uns dedos nervosos e rijos como aço premiam-lhe a garganta, ao mesmo tempo que ouvia vozes gritando na sombra que o comboio tinha sido assaltado por

(Conclui na pag. 14)



# As tendências literárias dos grandes criminosos

**O banditismo e a poesia — A lira do presídio — Gatunos humoristas e reformadores do Código Penal — A prosa e a poesia dos assassinos**

A mentalidade dos criminosos natos é inferior à dos indivíduos normais!... — afirma-nos no seu livro *Psicologie criminel* o célebre psicólogo criminalista Charles Dubaud.

Esta afirmação poderia deixar-nos supor que os criminosos são incapazes de um labor intelectual intenso, perfeito, sólido, que resista à análise dum crítico exigente. E no entanto não sucede assim.

Nos arquivos prisionais figuram curiosos espécimens dos vários géneros de literatura, cultivados superiormente por penitenciários.

Que poderá saber-se da alma, da inteligência, do espírito, das paixões, das tendências, dos delinquentes através as suas composições?

E a ser verdadeira a afirmação de que o *estilo é o homem*, qual será o estilo da prosa ou o recorte poético de um criminoso, como barómetro da sua sensibilidade, seja embora um estrangulador, um gatuno de arrombamento ou, ainda, um envenenador?...

A literatura dos homens-refugio, dos grilhetas do crime, é quasi sempre acentuadamente subjectiva. O criminoso escreve, em regra, para falar de si, para manifestar o seu orgulho e os mórbidos sentimentos que lhe vão no íntimo.

Assim, quantas tragédias dolorosas, quantos dramas, quantas misérias, traições, sofrimentos, alegrias, romances, toda a vida complicada dos criminosos, enfim, não apresenta esse precioso museu do crime, não desvende essa montra da psicologia estranha do mecanismo do crime?...

## UM GRANDE «ESCROC» E UM FORMIDAVEL POETA

Golay, o célebre *escroc*, antigo empregado do Banco National d'Escompt, era na prisão um apaixonado da musa elegiaca.

Era finissimo, muito elegante. Nas suas bur-las, apresentava-se com variados nomes e posições, como por exemplo: barão de Graval e de Guerch.

Possuía uma invulgar cultura literária. Na sua volumosa correspondência, datada da prisão, trocava impressões literárias com a sua amante, Marelli.

Numa dessas cartas, fez uma curiosa apreciação de Baudelaire.

*Les fleurs du mal* — diz Golay a Marelli — *contient des idées, un fond de nerf et d'imagination que sont les notes, mais, est-ce encore manque d'habitude, je ne trouve pas dans les vers le rythme harmonieux du classique alexandrin.*

Num interessante estudo prefaciado pelo professor Grasset, estão publicados três curiosos sonetos de Golay. Esses sonetos — que fazem parte de um volume de poesias compostas por Golay na prisão — têm o nome de «*Fleurs de sollicitude*» e têm estes sugestivos títulos: *Fleur d'aurore*; *Fleur fanée* e *Fleur d'en haut*.

«Fleur d'aurore» tem estes curiosos tercetos:

*«Peut-être à l'effeuiller deviendrais-tu morose  
Car la fleur: marguerite, aillet, pervenche ou rose,  
A qui prend sa beauté peut laisser des soucis».*

*«Elle t'offre l'éclat d'une aube en miniature  
Sa fraîcheur, son parfum, tous les odeurs de nature,  
Prends cela, mais oublie l'avenir incerts».*

«Fleur fanée» é um soneto de fino recorte, que abre com esta quadra:

*«Quand, songeant au passé, ton cœur devient morose,  
Cherche en un livre ancien que le temps a jauni,  
L'ombre, odorant encor d'un calice de rose  
Que l'oublie sans pitié de son soufflé a bruni».*

«Fleur d'en haut» fecha com estes tercetos:

*«Qu'avait-il dans le cœur n'ayant sur sa tombe!  
Sans amis, sans amour, tristes furent ses jours...  
Pas de jardin secret ou le soir en pleur tombe».*

*«Sur le terre un matin, je vis une pensée...  
Qui donc avait fleuri la tombe délaissée?  
A ceux que l'on oublie, Dieu seul pense toujours!»*

Como se vê, Golay publicava as suas poesias

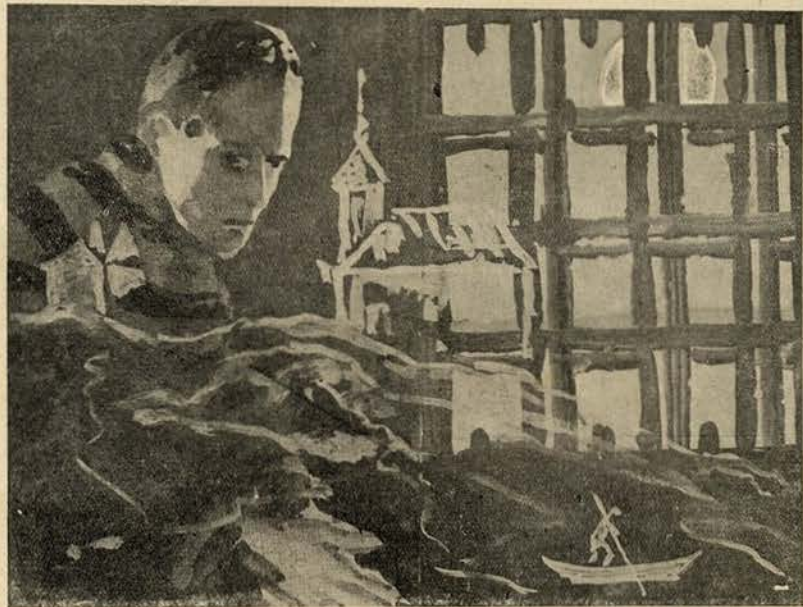
impôs ao juiz a audição de uma tirada poética que deixou a assistência assombrada.

O pior é que essa assombrosa composição poética era um plágio! Vidal apresentara como seus nada menos do que alguns dos mais belos trechos do «*Misanthrope*» de Molière!

Um outro assassino, o famoso Menesclon, que, com uma calma extraordinária, viola uma criança de 4 anos, mata-a, corta-a em 35 pedaços, e tenta fazer desaparecer os fragmentos da sua vítima atirando-os para um fogão, também arranjou, na prisão, um caderno para... fazer versos!

## OS PENITENCIÁRIOS CULTORES DA POESIA SATÍRICA

O capitão de lanceiros Gravier, condenado a prisão perpétua, foi um fino humorista. Cul-



com um pseudónimo que fazia muito honradamente a sua fama de escritor.

Mas na sua correspondência queixa-se amargamente de ser um poeta desconhecido...

## UM ASSASSINO E... PLAGIÁRIO DE MOLIÈRE

É preciso muito cuidado com estes senhores bandidos que têm a mania literária.

Henri Vidal oferece-nos o modelo desse perigoso bandido que é tocado pelo delírio da literatura.

Ambicioso medíocre, pretendeu ter descoberto um balão dirigível. Foi *maitre d'hotel*, e, por último, negociante, estabelecido com o comércio de galinhas. Foi condenado há muito no tribunal de Nice, como assassino de mulheres. Era um sádico. Assassinava as mulheres espetando-lhes uma faca nas costas.

Também se julgou um talento literário. Compôs versos medíocres mas uma vez no tribunal

tivava a poesia satírica. Deixou enormes «*vau-devilles*». Entre as suas composições ficou célebre a canção sobre os «bonets» dos forçados.

O «escroc» Winter compôs mesmo em gíria da cadeia.

Dentre os humoristas, destaca-se o gatuno Belamig. Preso por uma longa série de arrombamentos, na prisão, compõe quadras judiciais em prosa, ficando célebre o seu «Tribunal Celeste», onde faz comparecer os juizes.

A forma é de literato sabedor do «*metier*».

O assassino Prado, nas vésperas de ser executado, pediu a um amigo para lhe tratar de saber o preço do papel, pois pretendia publicar as suas memórias.

Na vasta galeria dos criminosos exóticos, figura o sinistro Abadie, que assinava os seus escritos com o pseudónimo de «Jovem Robespierre».

Autor de uma meia dúzia de [assassinios,

(Conclui na pag. 15)



# 3.000 contos escamoteados

Mais um caso ignorado da província — De criada a patrão — Dois primos invejosos — Uma congestão suspeita — Um doutor de "falinhas man-sas" e um documento tendencioso — Guardado está o bocado...

A província é, de facto, um manancial inesgotável de assuntos palpantes, um palco maravilhoso onde a imensa comparsaria do Crime desempenha as mais formidáveis cenas, metendo, por vezes, em jogo uma extraordinária carpintaria subterrânea de seguros feitos na prática do Mal.

Na grande e esmagadora maioria dos casos as personagens são sempre figuras influentes do sítio, movendo-se à vontade dentro do reduzido tablado que profundamente conhecem e que, por isso mesmo, pisam com segurança atrevida, certas da impunidade que essa mesma influência lhes oferece numa cumplicidade que aterra os espectadores.

E os seus crimes passam, assim, em claro, ficando apenas registados pelo *dir se* irresponsável, que foge a conseqüências e a trabalhos e se murmura pelos centros locais de cavaqueira, ignorando-se, dessa forma, onde se delimitam as fronteiras da realidade para a fantasia.

A preocupação máxima do criminoso consciente — tanto do braço que executa o crime, a mandado, como do cérebro que friamente o concebeu — é não deixar nunca provas denunciadoras de culpabilidade, de maneira a que, mais tarde, a Justiça não tenha bases para procedimento legal.

E o raciocínio lógico da inteligência, o desenrolar seqüente dum bem urdido plano dentro do cavername apertado dum crâneo, em colaboração estreita de tôdas as faculdades mentais para que os códigos imperfeitos sejam iludidos na luta.

Essa é a razão que, certas vezes, nos força à troca de nomes das principais personagens, muito embora a nossa pena se revolte contra a escravidão a que o nosso instinto de defesa a obriga e deixe tentar-se, em muitas ocasiões, a escrever a verdade pura, inteirinha, sem omissão de uma letra nesses nomes que bem mereciam ser colocados sob o index justiceiro do público... Mas, que querem os senhores?... As leis que nos regem não estão convenientemente defendidas contra os assaltos dos canalhas, nem tão pouco sabem distinguir as pessoas honestas das desonestas... Daí a necessidade imperiosa de nos defendermos déles com a mesma arma com que éles se defendem da Justiça: — a dissimulação, a troca de voltas, a saída por portas falsas, que os desorienta a éles e nos garanta a segurança a nós...

## UM CONSELHO DA TI' ROSA

Ela, a bexigosa Maria das Dôres, nunca serviria a outro patrão que não fôsse aquêlo, o sr. Antonio Santos — o mais abastado proprietário daquellas redondezas, dono de vastas terras de rendimento que, lá do cimo de altos montes, se olhavam a perder de vista.

Tamaninha ainda, orfã de pais e orfã de afectos no mundo, sem ter ninguém que a amparasse e a guiasse no áspero caminho da vida, fôra recolhida ali, no casal afortunado, e incluída no numeroso pessoal da casa, quasi como se fôsse família, visto o carinho e a amizade com que era tratada pela dona Aninhas, a bondosa mulher do patrão.

E assim se passaram uns catorze anos, a seu contento e dos patrões, para os quais soubera tornar-se imprescindível, humilde e affectuosa por temperamento como era, honradinha por carac-

ter e ambiente, e, sobretudo, comprazendo-se na sua servilidade reconhecida.

A serenidade da sua vida, despida de largos vôos, foi, porém, quebrada por brutal choque: — a morte de D. Aninhas — a cândida senhora que, por caridade, a havia recolhido.

Um mal antigo no coração doente vitimara-a para sempre, levando o luto e a tristeza àquêle casal feliz e abastado...

O patrão, coitado, metia dô vê-lo, estoirando de saudades pela sua morta querida, tentando, em vão, afogar a enorme dôr que o amarfanhava de negra melancolia...

Depois, mais dois anos rolaram lentos, voltando tudo à antiga tranquilidade fradesca — o



Após o jantar o Antonio Santos teve uma congestão

patrão entregue aos seus negócios de lavoura, trabalhando sempre, trabalhando muito, na única ocupação a que o sítio êrmo, ausente de distrações, é propício; e ela, Maria das Dôres, ocupando agora o lugar de confiança junto do patrão, cuidando do arranjo doméstico da herdade como se de coisa sua se tratasse, eternamente assistida pela grande gratidão que a obrigava a ser útil, necessária.

Foi só então que ela começou a notar as olhadelas vésagas que o patrão lhe deitava em certos momentos de silêncio, à mesa da sala de jantar, quando, sós os dois, ali se encontravam.

Nessas ocasiões, que se repetiam a miude, sentia um súbito enleio na alma branca, de virgindade, e, ruborizada, era ela quem tentava romper aquela mudez embaraçosa, falar de algo, agitar ideias de tempos idos — mas a sua voz tremia, acusando-lhe receios inexplicáveis, denunciando-lhe emoções desconhecidas.

Deu-se a matutar naquêles olhares estranhos, enviezados, com que Antonio Santos a fitava demoradamente, sem uma palavra. E à noite, na solidão do seu quarto, ouvindo cá fóra o vento ululante, na melodia de nostalgias lendárias, de histórias distantes, muito longínquas, a fustigar-lhe os ouvidos, a falar-lhe de coisas que ela não entendia — a Maria das Dôres observava no seu íntimo um vácuo enorme; e, sem perceber porquê, pensava no patrão, nos seus quarenta e cinco anos saudáveis e atraentes, másculos e belos na rudeza de homem de campo...

O sono, todavia, vinha breve roubá-la ao rumo de pensamentos em que o cérebro lhe vivia, para a arrojar a um outro mundo de sonhos e de pesadelos, nos quais, contudo, era ainda a silhueta forte do Antonio Santos que avultava, tomando formas vincadas, desenhando-se em relêvo, sobrepondo-se a tôdas as outras, flúideas, confusas, ténues...

Na manhã seguinte era certo a ti' Rosa, velha cozinheira da casa, ouvir-lhe contar os amalucados anelos em que o seu espírito ingénio se debatia. E a ti' Rosa a rir-se, com o pergaminhado rôsto aberto numa expressão indecifrável, acabava sempre por lhe dizer, a aconselhá-la:

— Casa-te, pequena, casa-te porque estás na idade perigosa!...

— Que diâhno! — pensava depois a Maria das Dôres, meia convencida. — A ti' Rosa, com os seus setenta e tal Janeiros a dar-lhe prática das coisas da vida, devia, por força, saber o que dizia.

Tôdo o dia andava macambúzia, enfronhada em si mesmo, esquecendo-se, por vezes, do que andava a fazer, quedando-se largo tempo absorvida por as mil ideias que lhe metralhavam o espírito.

## OS PRIMOS HERDEIROS

Como aquilo succedeu não o sabe ela explicar.

Era de noite. O casal estava já embrulhado em grande sossêgo.

Os creados, a malta da lavoura, a cozinheira, haviam recolhido, estando já, sem dúvida, entregues ao primeiro sono.

Ela demorara-se naquêlo aposento a arrumar umas roupas brancas na arca, enquanto o patrão para ali estava, sentado na cadeira de braços, a olhá-la indefinidamente, numa insistência perturbante.

Depois chamou-a, baixinho, num murmúrio recoso:

— Maria das Dôres!... Maria das Dôres!... Chega-te aqui, rapariga!...

E quando ela se aproximou, sentiu-se agarrada, num repêlão, numa violência que lhe agradou; e na boca rasgada, sensual, nos lábios grossos, húmidos, carnosos, colou-se-lhe a boca dêle, sorvendo-lhe beijos sem fim, avidamente. A vontade enfraqueceu-se-lhe, emigrando-lhe do ser, fugindo certamente ao fogo que lhe queimava as carnes frescas, gritantes de mocidade... De aturdida, quasi desfaleceu...

De manhãzinha acordou envergonhada no leito do patrão, com a cabeça a estalar-lhe de ideias confusas; depois, retinindo pensamentos dispersos, reminiscências da vespera, achou-se invadida de venturas, esfarrapada a tarlatana nevoenta que, até aí, a impedira de sentir o amor. Conhecia, finalmente, o grande sêgrêdo da Vida...

.....  
Ao cabo dum ano de mancebia, que era a escandaleira do lugar, o venturoso Antonio Santos recebeu uma agradável surpresa: A Maria das Dôres, como terra fecunda que acolheu boa semente, oferecia-lhe um rebento, um reboludo e encarnado pimpólho que, segundo afiançavam testemunhas respeitáveis, era exactamente a sua cara.

Era pai! E aquêlo homem, que longos anos esperou, inutilmente, da espôsa legítima a satisfação dêsse grande desejo da sua alma, rejubilou com o facto, prometendo:

\* — Olha, Maria! Se te portares sempre com juízo, lá mais para diante, recebo-te perante o altar... Daremos essa alegria ao padre Jacinto... Sempre é bom estar-se de bem com Deus...

Quem se mordida de inveja e de rancor eram

(Conclui na pag. 15)



# O COLECCIONADOR DE PESADELOS

(Continuação da pag. 11)

uma terrível quadrilha de bandidos. Nem o joelho nem os dedos nervosos deixavam de sufocá-lo. Compreendeu nitidamente que ia morrer. Sentia aproximar-se o seu último instante — até que morreu. Mas, a pesar de ter a consciência de que estava morto, ele continuou a vêr e ouvir tudo o que se passava em redor. O bandido, mal se apercebera de que o matara, vasculhou-lhe as algibeiras e, depois de se ter apossado de todos os seus haveres, agarrou no seu cadáver em péso e arremessou-o pela janela. Sentiu perfeitamente o baque do seu próprio corpo num terreno duro, onde resvalou uns momentos, e ficou inerte. Entretanto, ele via que o comboio parara no meio de um campo árido, desolado, tristonho, banhado por uma luz estranha, sepulcral. A portinhola de uma carruagem abriu-se e dela saiu um homem correndo, desvaído, levando uma mala na mão, e amarrado nessa mala um braço, apenas um braço nêvo de mulher, que devia ter sido arrancado a alguma das vítimas assaltadas no comboio. Dum outro canto deste horrível quadro surgia em perseguição do bandido uma mulher bonita, de lindos braços nus, ameaçando o fugitivo com um pulverizador de perfume.

O redactor do *New-York Times*, que escutara, sorrindo, a descrição que Pablo lhe fizera do seu pesadelo, mal este terminou, exclamou contente:

— Isso é um pesadelo admirável! Vale, pelo menos, quinientos *dollars*. Você quer vendê-lo?

Pablo teve a impressão que o seu colega *new-yorkino* tinha enlouquecido. Mas depressa o outro lhe demonstrava que, pelo contrário, tinha o juízo no seu lugar.

— Você vai-me descrever esse pesadelo, assiná-lo, fazendo depois reconhecer a sua assinatura, e em seguida acompanhar-me á casa de *Mister William Brown*, que lhe pagará, pelo menos, quinientos *dollars* por essa descrição.

## OS SONHOS DE NAPOLEÃO E LORD BYRON

— Poucas horas depois — contava-me Pablo — eu entrava no palácio do grande coleccionador de pesadelos e das mãos dele recebia, não apenas quinientos *dollars*, mas dois mil *dollars* porque, segundo *Mister Brown*, o meu pesadelo, além de ser dos mais originaes que ele tem conhecido, era valorizado pela celebridade do meu nome. — «Então os pesadelos não têm todos os mesmos preços?» — perguntei ao coleccionador. — «Não — respondeu ele — tenho aqui, por exemplo, um pesadelo de Napoleão I, que me custou vinte mil *dollars*.»

«E mostrou-me uma carta do célebre guerreiro francez para a Imperatriz Josefina, em que ele lhe conta que tivera um pesadelo horrível. Encontrava-se ele, Napoleão, numa ilha deserta, sentado nos rochedos, contemplando melancolicamente as ondas do oceano que se quebravam em espuma junto dos seus pés, quando de repente avistou ao longe a sombra negra de uma águia vinda dos confins do oceano. A grande ave de rapina aproximou-se velozmente da ilha, pairou num vôo planado sobre a sua cabeça e, de súbito, veio cair sobre os rochedos, ferida de morte. Napoleão confessava a sua mulher que aquele pesadelo o deixara mal impressionado durante alguns dias. Dir-se-ia que aquella águia ferida de morte lhe anunciava um mau destino.

— Talvez Napoleão tivesse razão nos seus presentimentos — comentei.

— Na colleção do excêntrico americano — foi contando Pablo — havia pesadelos de todas as categorias. Um deles, de Edagar Poë, descrito pelo grande escritor, era como que um reflexo de algumas das suas obras mais impressionantes e notaveis. O autor do *Gato Preto* sonhara que, numa noite de temporal horrendo, presentira que a sua casa — uma casa misteriosa, abando-

nada entre montanhas escalyvadas — era assaltada por ladrões. Erguera-se do leito, seguido de sua mulher, e viera á casa de entrada, que tinha uma porta envidraçada, cujos vidros ele vira estilhaçarem-se num momento sem que ninguém lhes tocasse. Pegou na espingarda para se defender de um inimigo invisível, disparou alguns tiros para a escuridão da noite, quando, ao relancear a vista pelo compartimento, viu com espanto uma mulher de formas esculpturais, lembrando uma antiga estátua romana, corpo nú, nas garras de um leão que se preparava para devorá-la. Este pesadelo custara-lhe quinze mil *dollars*. Havia ainda na colleção do sr. Brown pesadelos de Nero, de Cromwell, de Junot, de muita gente célebre e de muitos pobres-diabos absolutamente desconhecidos. Assim como uns lhe custavam milhares de *dollars*, outros pagava-os ele a um, três ou cinco *dollars*, e sem grande empenho de os comprar. Um dos mais caros que ele mostrou por curiosidade foi um vago sonho de poeta que impressiona, não pelo terror que dele emana mas pela estranheza da composição do quadro visionado. É um sonho de Lord Byron, o grande poeta inglês que esteve em Portugal e cantou em versos admiráveis as belezas de Sintra. Lord Byron sonhara que dentro do seu quarto, que não teria de altura mais de três ou quatro metros, cresciam árvores gigantescas que ele se lembrava de ter visto na nossa Serra de Sintra, e sobre o soalho do mesmo quarto de dormir espraivavam-se mansamente, como em qualquer das nossas praias de areia dourada, as ondas brandas do Atlântico, em tardes suaves de Primavera.

Pablo Montreal contara-me tudo isto com ar convicto e maravilhado. Para rematar o seu curioso relato, disse-me:

— Toma nota do nome e morada desse homem. Quando tiveres um pesadelo interessante, manda-lho, acompanhado do respectivo recibo. Vale mais um pesadelo vendido a esse coleccionador do que dez artigos de jornal. Ele chama-se, como já te disse, William Brown e mora na 124 Avenue, n.º 52, New York, U. S. A.

Aguardo a primeira oportunidade para seguir o conselho do meu bom amigo Pablo Montreal...

MARIO DOMINGUES

## Um milagre de amor

(Continuação da pag. 4)

fraca mulher de alma forte — mulher desprotegida e ignorante — vencera o poder da Fatalidade corrigindo a cegueira do implacavel Destino.

João Maria Figueira e Mariana Augusta Choca estão, agora, na Republica Argentina. Levou-os consigo um homem de coração, um estrangeiro muito dedicado a Portugal e a tudo quanto é português. Pessoa culta e generosa, conheceu por acaso a Mariana. As duas almas vibraram, unísonas. O feixe de irradiações foi focar-se, por certo, na alma do argentino.

E foi ele quem, não sendo rico, dispendeu, todavia, muitos contos de réis, para que a fraca e pobre Mariana alcançasse tão insigne como rarissima vitória.

Não, queremos publicar o nome do cavalheiro argentino. Preferimos que ele receba, sem as sentir as benções de todos quantos conheceram a Mariana e choraram de alegria quando souberam que ela alcançara, finalmente, o perdão do condenado e com ele viverá feliz, agora, até que a vida se lhe extinga para a ir continuar junto das suas irmãs celestias, as santas...

FREI GERUNDIO, *historista*

# UMA ONDA DE GASES SOBRE LISBOA

(Continuação da pag. 9)

gará o peito e o coração e as estrangulará... E' preciso não fazer caso dos exageros pessimistas do autor, que eu cito apenas no que nos interessa.

Mas — cheguemos á pag. 102 e ele nos dirá o seguinte: «E quando a Humanidade, hoje apenas densa alguns continentes, ficar reduzida a um número inferior á da Idade Média e a gula da Morte e da Guerra se saciar pela indigestão, e a paz se fizer — nem por isso o Homem se libertará da guerra, porque a guerra continuará ainda durante muitos anos, embora sem que um só soldado combata, nem uma só fábrica manufacture material de guerra. Porquê? Porque esses milhares de nuvens assassinas, formadas pelos gases e que evoluíram nos primeiros tempos, hão-de descer de novo, depois de ganharem péso, sem perderem totalmente o seu valôr mortífero, esfarrapadas em pequenos flocos que hoje aqui, amanhã acolá, formam, na História humana, uma longa série de catástrofes trágicas»

E logo nas páginas 104 e 105: «O exemplo bem frisante é o da última guerra. A guerra química foi a última que entrou em actividade, quasi já nas vizinhanças do armistício. A variedade e o avanço de processos não têm comparação com que a próxima guerra há-de dispor visto que na de 1914 fizeram-se apenas experiências e na do futuro, após alguns anos de estudo, ela tornou-se uma sciência avançadíssima. A quantidade de gases empregados então e a que se há-de empregar na próxima diferem como a areia que uma criança levanta na concha da sua mãozinha delicada e a que aleatifa o Sahará. E apesar desse abismo, apesar do valôr insignificante da guerra química da Grande Guerra, a Humanidade ainda hoje sofre ataques de gases. Felizmente, essas trágicas consequências são cada vez mais espaçadas e mais inofensivas. As primeiras quedas de gases deram-se nos próprios locais onde eles tinham sido ejaculados, e embora poucas fossem as vítimas pelo reduzido número de habitantes dessas regiões, o mal que trouxeram foi fulminante. Depois, essas nuvens, antes de descerem, deslocaram-se aereamente, caíndo no norte da Alemanha, da Bélgica e da França... sendo os seus efeitos mais suaves... Tudo indica que elas se afastarão cada vez mais para longe e cada vez mais débéis serão no ataque ao organismo humano até que, depois de causarem apenas *curtos desmaios*, se tornarão absolutamente estéreos...

Sosseguem, pois, os leitores... Se alguns milhares de portuguezes sofrerem ainda, na terça-feira 10 do corrente, ás 6 horas da tarde, curtos desmaios em consequência dos gases espalhados na guerra, essa manifestação foi a mais grave que eles podiam ter para nós... Mesmo que voltassem, não seriam sentidos... Em tódo o caso é uma reportagem digna deste jornal.

R. X.

QUEREIS DINHEIRO ?

Jogai no  
*Gama*

Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!



## Tendências dos criminosos

(Continuação da pag. 12)

sanguinário em extremo, deixou um grosso caderno com... uma reforma da magistratura. Lancenaire, que tentou assassinar, para o roubar, um empregado bancário, consegue fazer publicar, na prisão, as suas... obras poéticas. As suas composições têm um carácter sinistro...

Eis um exemplo:

*«Je suis un voleur, un felon.  
Un scelerat, je le confesse.  
Mais quand j'ai fait quelque bassesse,  
He las, je n'avais pas le non!»*

### O ESTILO LITERARIO DAS ENVENENADORAS

A literatura das envenenadoras daria um grosso volume e um precioso estudo para a psicologia das histéricas.

Nas composições literárias dos criminosos notam-se declaradamente três géneros.

Por hoje só nos ocupamos de um deles: poesia elegíaca e satírica. Resta ainda a prosa epistolar, abundantíssima, e as memórias, que só por si valem um tratado da psicologia criminal e um guia para uma peregrinação aos abismos das paixões humanas.

EDUARDO FRIAS

## Homens & Factos do Dia

(Continuação da pag. 3)

ridos no coração podemos morrer — mas morreremos como sempre vivemos: honrados, rigidamente honrados.

Abram, pois, adversários sórdidos, os mais profundos alcapões que nos devemos; disparem da sombra — porque só da sombra têm coragem para nos ferir — as balas envenenadas da difamação; arremessem contra o nosso peito as azagaias velozes da vilania, que Reinaldo Ferreira, enquanto lhe restar um sópro de vida, não cessará de combater lealmente, cara a cara, por uma humanidade melhor, limpa de facinoras de toda a espécie, desafiando os malandrins a provarem por forma clara e irrefutável que lhe falta autoridade pessoal para o fazer. E, sem mais perda de um segundo, sequer, prossigamos na nossa missão árdua — porque o banditismo é muito por esse mundo e um homem só não basta para o exterminar.

REINALDO FERREIRA  
E MARIO DOMINGUES

## A CÊRA DR. LUSTOSA

que cura a dôr de dentes em 5 minutos

foi finalmente posta à venda — em todas as farmácias —

Preço — Tubo 8\$00

DEPOSITÁRIO GERAL  
Rua S. Nicolau, 25 — Telef. 23989  
SECÇÃO DENTARIA  
Polycarpo

Fazem-se referencias neste jornal

## 3.000 CONTOS ESCAMOTEADOS

(Continuação da pag. 13)

os primos dêle, igualmente lavradores, mas mais pobres do que o Santos, do qual eram os únicos parentes e naturais herdeiros.

Os dois Gonçalves não podiam levar a bem que a Maria das Dôres, a orfã, barregã do primo, viesse dar a êste, com a sua fecundidade despropositada, um herdeiro legítimo. E tudo foi intrighada para ver se o desgostavam... Ah! mas êle conhecia bem a companheira, que era terna e honesta, desprezando, porisso, o que se contava lá pelas vendas onde se esmiuçava a vida de tôdos...

— Inveja! Aquilo eram tudo intrigas dos primos despeitados... concluía quando algum alviçeiro lhe ia com ditos.

E certo dia, logo após o jantar, deu-se a fatalidade: o Antonio Santos foi, repentinamente, acometido duma congestão.

Aos gritos da Maria das Dôres, inconsciente causadora daquela morte, compareceu a gente da casa.

Verificando o óbito, o médico, que à pressa foi chamado, sentenciou, olhando intencionalmente a chorosa Maria das Dôres:

— Foi uma imprudência!... Não sabem guardar o tempo da digestão... Depois...

Os primos do Santos, os irmãos Gonçalves, tomaram conta da herdade, após o enterramento do corpo, expulsando dali, desapiadadamente, a Maria das Dôres e o filho.

A pobre rapariga foi servir para Coimbra, para casa duma família que teve compaixão dela e lhe tomou conta da criança.

### UM HÁBIL ESCAMOTEAÇÃO

Já ela estava identificada com o seu novo modo de vida, quando, um dia, foi procurada por um sujeito bem traçado, de modos afáveis e sorrisos atraentes, que lhe disse:

— Eu sou o dr. Cardoso Lopo e venho ter consigo por causa do falecimento do pai do pequeno... Como sabe, a menina não tem direito nenhum à herança do proprietário Antonio Santos, que pertence, por lei, aos primos Gonçalves... Alguém, no entanto, me contou, em Montes Claros, a sua história e a situação difícil em que ficou. Ora como tenho bom coração, interessei-me pelo seu caso, conseguindo arrancar aos herdeiros uma mesada regular para a manutenção da criancinha... les, é claro, é só em atenção por mim que se resolvem a auxiliá-la... Não obstante, não querem vêr, nem em sombras, a menina ou o garoto. E' só com a condição da menina nunca mais aparecer em Montes Claros que êles lhe dão a mesada. Está satisfeita?

A Maria das Dôres, agarrando-se a chorar ás mãos do doutor cobriu-lhas de beijos reconhecidos.

— Vossa Senhoria é o anjo protector do meu anjinho! — soluçou ella, convictamente agradecida. — Que Deus lhe pague em bem o que fez por mim, por mim e pelo meu inocentinho...

— Bem! Não se fala mais nisso! Assine aqui êste papel e venha depois comigo reconhecer a assinatura ao notário... Em seguida, se quiser passar pelo meu escritório, recebe já o primeiro mês...

E erguendo um pouco a voz leu pausadamente o documento, segundo o qual a Maria das Dôres se obrigava a não pretender habilitar-se ao disfruto dos 3.000 contos da herança de Antonio Santos, em troca do que lhe seria arbitrada, enquanto fôsse viva, a pensão de trezentos escudos, mensais e pagaveis no escritório do dr. Cardoso Lopo, na Rua... em Coimbra.

Ela assinou, como lhe pediam, agradecendo mentalmente a bondade daquêle senhor doutor. Quando recebeu o dinheiro foi logo depositá-lo numa casa bancária, em nome do filho, para que êste, já homem, tivesse um peculiozinho razoavel... Quanto a pensar em voltar a

Montes Claros nem era bom falar-se nisso... Agora, que não tinha lá ninguém, não lhe interessava lá ir...

Entretanto, os irmãos Gonçalves, em Montes Claros, arrepelavam-se de raiva, bolsando as piores infâmias sobre a cabeça de Maria das Dôres, a quem o defunto primo havia legado toda a sua enorme fortuna.

Êles ainda quiseram tentar a anulação do testamento, mas tendo consultado um advogado de Coimbra, conhecedor do *métier* e homem de confiança, o dr. Cardoso Lopo, fôram aconselhados por êle a não bulir mais no assunto.

— Gastava-se muito dinheiro com a acção — assegurou-lhes o doutor — e não conseguiriam nada, porque o testamento está em perfeita ordem e foi escrito pelo falecido na posse de tôdas as suas faculdades... De maneira que o melhor é desistirem...

Decorridos tempos, o dr. Cardoso Lopo, com uma procuração de Maria das Dôres, tomava conta dos vastos bens do extinto proprietário em Montes Claros, Antonio Santos.

Em Coimbra, onde tomei conhecimento dêste caso cuja verdade rigorosa garanto em absoluto, faz vida regalada o esperto doutor Cardoso Lopo, impando de fartura, fumando bons charutos, tendo despesas excessivas que dois anos antes não tinha, enquanto a ludibriada Maria das Dôres, sempre bexigosa, sempre tacanha de espirito, continua estupidamente presa à influencia funesta do *bom doutor*, o qual, por artes mágicas, lhe escamoteou a bonita soma de 3.000 contos. Serve como criada numa casa da rua Sofia, onde é namoriscada por um civico com quem pensa casar.

O filho de Maria das Dôres está entregue agora aos cuidados mercenários duma ama, na feliz ignorancia da sua importancia financeira, desconhecendo as lutas de ambições travadas em volta do dinheiro que lhe pertence...

AMERICO FARIA

## QUEREM PROLONGAR A VIDA?

Qualquer pessoa sofre ao andar um choque violento

OS TACÕES de borracha atenuam grandemente aquêle choque e portanto prolongam a vida. Só a sciência médica poderá dizer quais os beneficios que causa ao organismo o uso dêstes tacões, além de que, materialmente, são de superior duração e não occasionam quedas. Experimentem e nunca mais os deixarão de usar.

Vendem-se na Secção Util, RUA ARCO BANDEIRA, 56 a 60 (junto á Rua de S. Nicolau). Ali encontrarão também os seguintes artigos:

Pomadas para calçado das melhores qualidades, e em especial a marca ALDA. Atacadores, escovas especiais para calçado de camurça, ditas para lustro, cremes, calçadeiras, palmilhas de cortiça, abotoadores, *tallonetes*, protectores de ferro, camurças para limpeza.

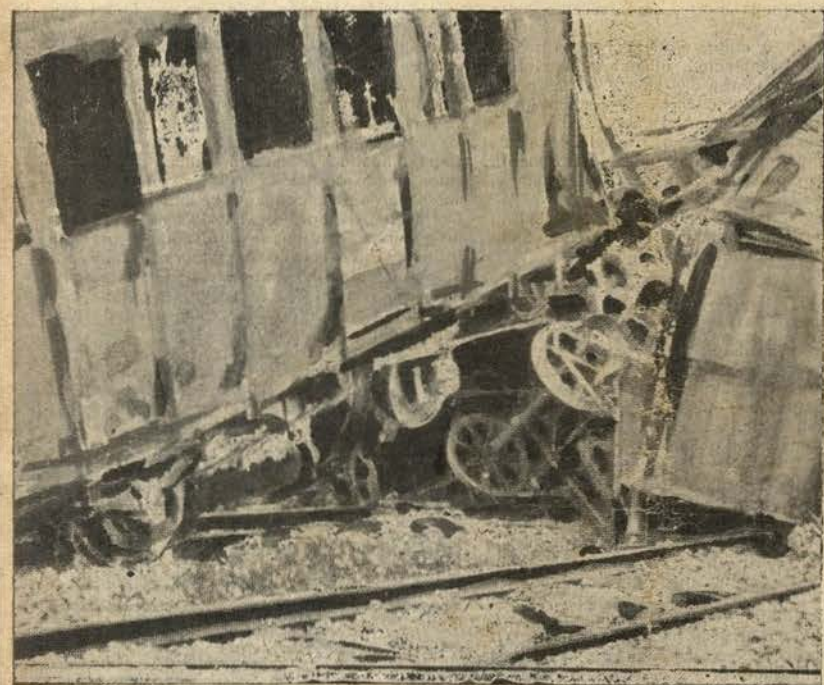
SOLAS e TACÕES FILIPS, malas e carteiras, etc.



# 1º SEMANÁRIO

# Reportagem

Semanario das  
grandes reportagens



*Varios aspectos de catastrofes ferroviárias*

*Lêr sensacional artigo sôbre este assunto nas páginas interiores dêste número.*

